

## Residência

## Residence

## Residencia

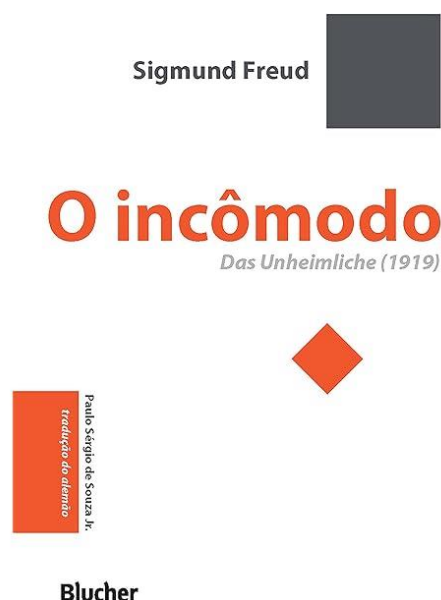
Resenha do livro de S. Freud, *O incômodo* (1919). Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Editora Blucher, 2021. 163p.

Maria Letícia de Oliveira Reis\*

Ainda não podíamos sair de casa quando Paulo Sérgio Souza Jr. se dedicava à tradução de *Das Unheimliche*, texto de Freud, de 1919, que, na recente edição da Ed. Blucher, recebeu o nome de *O Incômodo*. Assim, foi pensando no confinamento e no isolamento social que *O Incômodo* me chegou às mãos. Um ensaio que explora a teoria da cultura; um texto que, segundo o próprio Freud, em carta a Ferenczi no mesmo ano de 1919, era “não necessário”. Assim como vários objetos da arte não servem para nada e nos parecem imprescindíveis, ainda que mantendo seu destino de hipótese, do qual carecemos como que de água. A coleção pequena biblioteca invulgar, que é inaugurada por essa nova tradução e coordenada pelo próprio tradutor, assumiu o interesse pelo que denominou textos ainda excêntricos no panorama editorial, textos que talvez sejam não necessários e, por isso mesmo, componham as forças de liberdade do texto, que dependem dos deslocamentos, perspectivas, interpretação e reconstrução dos leitores.

E o que, minha cara e meu caro leitor, o que vocês lembram que tem relação direta com isolamento social, casa, pandemia? Algo do tipo: “medonho é algo recalcado que retorna” (p.93)? “Tudo o que deveria permanecer em segredo, dissimulado, em latência, e veio à tona”? Onde se deveria ter conforto e o que se tem é o seu oposto?

Traduzir *unheimlich* como “incômodo” remete aos cômodos de um lar, lares ameaçados por uma real violência doméstica. Depoimentos e pesquisas revelaram que uma em cada quatro mulheres acima de 16 anos foi vítima de algum tipo de violência no primeiro ano da pandemia no Brasil, sendo os agressores pessoas do convívio familiar.



\*Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: [marileoliveira@hotmail.com](mailto:marileoliveira@hotmail.com)

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3790-7071>

A aposta do tradutor no título que remete a um lar, uma casa, a um espaço a habitar, mostra que a dificuldade pode estar dentro de casa e da qual se pode e deve sair. A brilhante nota de rodapé de Souza Jr., na p. 59, expressa bem o que pode acontecer: “está começando a ficar *“un-h pra mim”* como se estivesse expresso aí o desconforto da mulher em sua própria casa”.

Assim, “a boneca parece ter vida própria” (p. 76) pode ter a carga de uma metáfora para além do texto de Hoffman trabalhado por Freud no *Das Unheimliche*. Trazer uma palavra brasileira e próxima a nós, realça o lá fora (público) e a interação social à qual cada sujeito tem acesso de uma forma. Isso nos remeteria às inquietações beauvoirianas de que as mulheres não podem instalar-se em nenhum lugar com tranquilidade, quando escreveu sobre a situação da mulher no capítulo 6 do segundo volume de *O Segundo Sexo*, fazendo oposição entre o “mundo feminino” e o “universo masculino”. No texto freudiano: “Na verdade, o incômodo seria sempre algo em relação ao qual, por assim dizer, nós não conseguimos nos situar” (p. 50).

“Sometimes a house is not a home” (às vezes, a casa não é um lar) também na literatura. No *Um Teto todo seu*, Virginia Woolf nos diz a necessidade de a mulher ter um espaço próprio se quiser fazer ficção. Mais adiante no texto, adiciona outro requisito: uma tranca na porta. No Brasil, dada a situação da mulher no espaço de casa, a tranca significa, além de privacidade, segurança.

Em *Dias de Abandono*, Olga é abandonada por Mario, que a deixa com duas crianças e um cachorro em um apartamento em Turim. Esses são os personagens no livro de Elena Ferrante. Olga troca a porta antiga por uma porta blindada; perturbada pela angústia da solidão, vê-se incapaz de abrir a nova tranca. A casa pode ser uma metáfora de uma prisão para algumas mulheres. Ainda na literatura, uma mulher excluída da vida pública e confinada ao cosmos opressivo do lar, supostamente doente e diagnosticada pelo próprio marido, alojada num quarto de *Papel de parede amarelo*, análogo à interioridade de si, é a personagem do clássico livro de Charlotte Gilman, publicado em 1892, quando ainda não existiam pequenas bibliotecas invulgares e, por isso mesmo, isto fez com que o texto fosse recusado algumas vezes. Esse texto, quando o li a primeira vez, me causou o mesmo mal-estar de *O Homem de Areia*, um dos contos mais conhecidos de Hoffman, texto a que Freud destina uma análise no seu ensaio *O Incômodo*. Como me lembro de ter lido pelo tradutor daquela época, estes não são textos que se leem com o autor, e sim pesadelos que se sonham com ele.

A literatura fantástica, como os textos acima, analisada por Freud, é uma modalidade não realista que tem um caminho direto ao inconsciente; que aceita todos os tipos de deformações, associações, deslocamentos. O próprio Freud, no entanto, afirma em seu ensaio a diferença entre o incômodo na literatura e na vida real. “Quero logo revelar que ambos os caminhos levam à mesma conclusão: o incômodo seria uma espécie de elemento aterrador que remonta ao que é há muito conhecido, ao que há tempos é familiar. Como isso é possível, sob que condições aquilo que é familiar pode se tornar incômodo e aterrador, é o que irá ficar claro a partir do que se segue” (p.49).

Existem, no Brasil, casos de artistas que investigaram os espaços domésticos como lugar de subjetivação em alguns trabalhos. Leticia Parente (1931-1991) articulou a confusão dos limites do corpo e da casa. Sonia Andrade (1935-) possui vários vídeos produzidos entre 1974 e 1977, fazendo uma ruptura numa narrativa que nos é familiar; tal como a artista norte-americana Martha Rosler (1943-), que produziu em 1975 o vídeo “Semióticas da cozinha”. São exemplos que trazem e trouxeram a tônica do feminismo dos anos 70: “o pessoal é político”.

Em *O incômodo*, acho importante destacar a nota 86 da página 100: “[...] em português-já no começo do século XX, mas ainda hoje, em contexto informal – “incômodo” é um dos nomes dados ao catamênio, o fluxo menstrual”, que me fez lembrar um anúncio de um absorvente íntimo na década de 90, cujo título era um genial trocadilho: “Incomodada ficava a sua avó!”

O toque de jovialidade e alegria de Souza Jr, remete à ideia de *gaia auctoritas*, trabalhada num artigo de Norma Telles intitulado *Fios Comuns*. Nele, relembra que a *gaia* ciência era bastante conhecida quando Nietzsche lhe deu nova vida. Afirma: “vinha do provençal, *gaisaber*, ou *gaya scienza*, querendo dizer “arte da poesia”, segundo o dicionário Oxford de 1955, uma perícia técnica no manejo das palavras.”

Em outros termos, uma ciência mais jovial, descolonial, em que a autoria e a autoridade não pertençam a uma categoria fixa de poder. Telles cita Braidotti, o poliglota é “*aquele que não se adequa a nenhuma ordem simbólica natural., mas traduz entre inúmeras linguagens e identidades*” Não seria isso o de que a epistemologia feminista contemporânea necessita? Além disso, é possível perceber, principalmente através das notas de rodapé, o prazer do texto do tradutor. Um futuro promissor nas veredas da tradução.

## Referências

Beauvoir, S. *O segundo sexo*. V.2 Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Ferrante, E. *Dias de abandono*. Trad. Francesca Cricelli. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

Gilman, C. O papel de parede amarelo. Tradução de Diogo Henriques. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

Mattioli, I. (dezembro, 2018). O corpo é a casa: a vida privada ressignificada na esfera pública. Arte e ensaios. Revista do ppgav/eba/ufRJ, n. 36.

<https://revistas.ufRJ.br/index.php/ae/article/view/19152>

Telles, N. (2011). Fios comuns. Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, (32), 113–125. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9571>

<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9571>

Woolf, V. Um teto todo seu. Tradução de Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

**Citação/Citation:** Reis, M. L. O. (2023). *Residência*. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XV, no. 2.), pp. 125-127.

**Recebido em: 18/07/2023**

**Aprovado em: 10/09/2023**